

10-3-60-9400

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### NECESSIDADES

SOMOS todos ainda meio índios: loucos por miçangas. Miçangas "made in U.S.A.": não propriamente contas de vidro, mas aparelhos coloridos e reluzentes, bossa nova da técnica — indispensáveis. Nossas necessidades aumentam diariamente: cada dia descobrimos que uma nova coisa é imprescindível à nossa vida... São necessidades inventadas, que têm quase a mesma força que as outras.

Um amigo meu está vendendo agora a máquina de fazer gelo. Faz 80 quilos por dia de um gelo em forma de pequenos diabolôs, que não grudam um ao outro. "O bar do Country já tem; o Copa também..." E acabou-se. A nossa velha barra de gelo, que deve ser partida a ferro, é desde logo algo de obsoleto: coisa suja, incômoda e mesmo anti-higiênica. O gelo novo, o gelo-cristal, é absolutamente puro, química e biologicamente: jamais interferirá no gosto de seu uísque ou de sua cajuada. Não mais aquela conversa triste que desanima qualquer festa pelas duas madrugadas: "acabou o gelo". O diabo é que o aparelho, embora já feito no Brasil (ou por isso mesmo?) custa caro, quase 200 mil cruzeiros. Não importa: logo começará a ser absolutamente necessário...

Cajuada, laranjada, suco de uva, ninguém quer mais se não for aquela que está sempre dançando dentro de um aparelho de vidro reluzente, no balcão revestido de formiplac. Perguntei ao dono de uma dessas casas qual era a utilidade daquele aparelho, que custa 40 a 50 contos. Ele me respondeu tranqüilamente: "Faz vender". No mais, apenas agita e gela o refrêscos; mas dá uma impressão de limpeza, de coisa acabada de fazer, dá sede ao transeunte — vende. Totalmente indispensável.

Imagine-se quantos desenhistas, quantos técnicos, quantos crânios não consomem os Estados Unidos para inventar e modificar anualmente milhares de aparelhos assim, acrescentar um "elemento novo" a uma droga, descobrir uma nova cor ou pelo menos o novo nome de uma cor de "bâton". Então compreenderemos melhor por que os austeros russos estão na frente em certos assuntos fundamentais: todos os sujeitos que estudam e têm cabeça, lá, estão empenhados em coisas úteis ou necessárias, e não em quilharias coloridas para o superconforto e maior complicação da vida.

Não seria o caso de nós, brasileiros, subdesenvolvidos, adotarmos também uma política austera — jogar tôdas as forças de nossa indústria na produção do essencial antes do supérfluo? E também só importar o necessário ao nosso desenvolvimento econômico? Pois sim... Como poderemos viver sem consumir a mesma beberagem que se consome em New York? Como viver, de amanhã em diante, sem o pequenino diabolô de gelo-cristal?